

Guia 1

ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DE CLASSE

Aurea Vitoria Silva De Brito¹

Sabrina Oliveira Leitao²

Leda Macedo³

Giovana Christina Zen⁴

RESUMO

ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DE CLASSE

Este relato de experiência apresenta os caminhos percorridos para a implementação de uma biblioteca de classe em uma Escola Municipal de XXXX, realizada a partir do trabalho colaborativo entre orientadora, supervisora e bolsistas, fundamentado na perspectiva construtivista psicogenética. O processo considerou tanto a seleção criteriosa de obras literárias quanto o cuidado com a circulação e manutenção do acervo, aspectos essenciais para garantir a vitalidade do espaço. Os resultados observados indicam que a biblioteca de classe, ao ser concebida como ambiente acessível e democrático, potencializa a autonomia das crianças, estimula o pensamento crítico e consolida comportamentos leitores. Ao participarem da escolha, organização e uso dos livros, as crianças não apenas ampliam seu repertório cultural, mas também se inserem ativamente nas práticas sociais de leitura e escrita, condição indispensável para a compreensão e apropriação do sistema alfabético. Conclui-se que a implementação da biblioteca de classe se revela uma estratégia pedagógica potente para a alfabetização, por articular o acesso à literatura desde os anos iniciais com a promoção da reflexão, da autoria e da participação cultural. Investir nesse espaço significa, portanto, assegurar às crianças experiências autênticas de leitura e escrita, fundamentais para a formação de sujeitos críticos e plenamente integrados às culturas do escrito.

Palavras-chave: Alfabetização, Biblioteca, Literatura

1 Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista no programa institucional de bolsas de iniciação à docência-PIBID e aureaalmeida07@gmail.com;

2 Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista no programa institucional de bolsas de iniciação à docência-PIBID, [Sabrina.litao@gmail.com](mailto: Sabrina.litao@gmail.com);

3 Professora da Rede Municipal de Salvador, pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental com Ênfase em Alfabetização e conformadora do PIBID; ledamacedo2009@gmail.com

4 Professora orientadora: Doutoranda em Educação, Na Universidade Federal da Bahia, UFBA, giovanacristinazen@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a educação nos anos iniciais, deve-se ter em vista que é necessário ofertar ambientes que ajudem o processo de desenvolvimento e participação das práticas sociais que permeiam uma sociedade letrada. A criação das bibliotecas de classe tem como objetivo incentivar a prática da leitura, ensinar sobre catalogação e classificação de livros e proporcionar acesso a uma diversidade de gêneros, culturas, estéticas e temas que permeiam o imaginário infantil. Assim, as crianças são reconhecidas como sujeitos sociais ativos, capazes de fazer escolhas individuais que podem se tornar coletivas, contribuindo para o processo de transição nos anos iniciais. Nesse período, é fundamental não apenas adotar uma postura acolhedora, mas também estimular o hábito da leitura, que poderá acompanhar as crianças ao longo de toda a vida.

O papel fundamental da escola, do corpo docente e dos órgãos públicos em garantir o acesso e a permanência dos alunos a uma educação de qualidade, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), evidencia a importância de projetos que promovam a inclusão dos estudantes em práticas sociais. Essas práticas são essenciais para incentivar e desenvolver a leitura e a escrita.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) exerce um papel crucial no desenvolvimento das práticas e conhecimentos pedagógicos de aprendizagem gerando oportunidade aos estudantes de licenciaturas vivenciarem a experiência docente ainda em formação, com a oportunidade de desenvolver e participar de eventos enriquecedores para uma formação plena.

O Subprojeto de Alfabetização nos proporciona um olhar atento para os anos iniciais e para vermos o potencial significativo das crianças quando desafiadas de maneira correta. Corroboramos com Ferreiro (2013) ao afirmar que:

Temos que auxiliar essas crianças em seu caminho para a alfabetização, mas levando em conta sua inteligência e não as tratando como ignorantes. Elas colocam questões legítimas, algumas delas de grande relevância





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

epistemológica — ao pensar a escrita; a mesma escrita reduzida, banalizada e deformada pela tradição escolar, que converte didaticamente um objeto cultural complexo em um instrumento de codificação rudimentar. Alfabetizar, sim, mas sabendo que a criança, sujeito da aprendizagem, é um ser pensante; que a ação educativa pode apelar para sua inteligência, exatamente para não inibir a reflexão nascente. (FERREIRO, 2013, p.33)

Desta forma, nos encontros formativos semanais ampliamos os estudos pautados na perspectiva construtivista psicogenética e a partilha das vivências docentes que ocorrem em sala de aula real, pois tivemos a oportunidade de problematizar e criar ações docentes voltadas para resolução das dificuldades que percorrem o caminho do educador.

No decorrer do programa, ficou evidente que a participação dos bolsistas nas escolas permite estreitar os laços com corpo docente desde o início do ano letivo, pois durante a jornada pedagógica participamos ativamente da organização da sala de aula e preparação de materiais didáticos.

METODOLOGIA

O relato de experiência dos bolsistas no PIBID Alfabetização se dá na inserção de uma Escola Municipal no bairro da Saúde em Salvador/BA, com turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental em processo de alfabetização.

A execução e elaboração das intervenções realizadas foram desenvolvidas nos encontros formativos semanais realizados de maneira presencial na Faculdade de Educação da Bahia (FACED) e remota pela plataforma de conferência web, nos quais as discussões eram embasadas nos estudos teóricos da perspectiva construtivista psicogenética e nas experiências práticas, respeitando a forma como as crianças avançam nas suas conceitualizações e entendendo que suas escritas e participações são uma fonte rica em significado e aprendizagem, pois diante das dificuldades elas são desafiadas a pensar a partir de um ensino contextualizado e reflexivo.

Ao iniciarmos a implementação da biblioteca de classe foram observados aspectos para analisarmos a relação entre a turma e a literatura, ficando assim perceptível o interesse das crianças em participar de todas as ações. O trabalho foi dividido em quatro partes: a primeira, arrumação do espaço físico com estante e tatame. Logo depois foi iniciado o processo para escolha do nome, considerando que a biblioteca seria usada por duas turmas em





turnos opostos, manhã e tarde, ficou decidido que a melhor solução seria uma votação, e o nome vencedor foi Arco-íris.

Na terceira etapa, após seleção prévia realizada pela professora e bolsistas, foi feita a catalogação do acervo literário, onde eram anotados o título, autor, ilustrador e gênero, permitindo que cada criança participasse desse momento como sujeito autor de sua própria escrita preenchendo uma ficha referente a determinado livro. Durante esse processo foi perceptível a curiosidade desenvolvida pelos livros que os cercavam, o que resultou em conversas interessantes e enriquecedoras.

Na última etapa de organização, os livros foram dispostos em seus determinados lugares, organizados por gêneros, e logo em seguida eles fizeram uso da biblioteca explorando o espaço e aproveitando o que a literatura pode oferecer, a partir dos empréstimos registrados em fichas individuais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi norteado pela perspectiva construtivista psicogenética desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), na qual a alfabetização é compreendida como um processo no qual o estudante é sujeito ativo na construção de sua aprendizagem e que sua inserção na cultura do escrito deve ser elaborada de forma que compreenda, absorva e desenvolva a progressão da escrita enquanto uma prática social.

Neste sentido, a biblioteca de classe inserida na rotina consolida-se como uma estratégia que promove a interação com livros em sala de aula a partir de ações como: seleção dos livros, organização do acervo, catalogação dos livros, fichas de empréstimo, regras de funcionamento, agendas de leitura e rodas literárias. Nestas ações as crianças são desafiadas a refletir e desenvolver estratégias que aproximam as práticas do cotidiano escolar às práticas sociais de leitura e escrita. A participação ativa nesse processo de implementação é fundamental, pois de acordo com Castedo e Cuter:

Durante esse processo as crianças têm a oportunidade de desenvolver diversas práticas de linguagem a partir de seu próprio papel institucional: ser alunos da escola e usuários de sua biblioteca. Ao exercer essas práticas como cidadãs elas podem, pouco a pouco, tomar consciência sobre suas próprias possibilidades de melhorar as condições em que se exerce um direito, assim





como de exigir o cumprimento de um direito que não é aplicado a todos da mesma forma. Aprendem, além disso, a deixar de lado seu próprio ponto de vista para assumir a acordada voz do grupo a que pertencem, nesse caso, da instituição (CASTEDO E CUTER, 2007, p. 210)

Dessa forma, a biblioteca de classe torna-se um laboratório vivo para observar e analisar como as crianças aprendem e a partir daí fazer intervenções que ampliam os processos da alfabetização dos alunos, pois ao invés de métodos padronizados, são propostas atividades que permitam às crianças compreender a função social da leitura e da escrita de maneira significativa, a partir da manipulação, escolha e leitura de materiais que circulam socialmente. Isso fomenta a autonomia do leitor e do escritor, pois a criança é incentivada a explorar, questionar e construir seu próprio conhecimento.

A biblioteca de classe possibilita acompanhar e diagnosticar o desenvolvimento das hipóteses de escrita dos alunos em contato com diferentes textos, permite apoiá-los no avanço de suas conceitualizações sobre a escrita e planejar intervenções a partir do que eles pensam e sabem para desafiá-los estimulando autonomia e reflexão com base em uma escrita contextualizada, como prática social relevante.

Em suma, a biblioteca de classe se configura como um espaço dinâmico e essencial para a construção do conhecimento da língua escrita, onde a criança, com a mediação da professora e bolsistas, é protagonista de sua própria alfabetização, em um ambiente rico, desafiador e significativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados expressam a importância da biblioteca de classe enquanto recurso complementar que possibilita um espaço no qual o processo de alfabetização seja concretizado de forma autêntica, fortalecendo o desenvolvimento dos sujeitos em sua jornada de apropriação da língua escrita.

Foi possível observar o envolvimento das crianças durante a realização das atividades propostas, pois a liberdade de escolha a partir do grande acervo literário que inclui diversos gêneros textuais como fábulas, contos, informativos, poemas e histórias em quadrinhos possibilita a percepção de que a leitura e a escrita possuem diversas funções sociais. Além disso, a biblioteca de classe também fomenta o desenvolvimento do pensamento crítico, para além dos hábitos de leitura, a autonomia de escolha e a organização e manutenção do acervo.





Esta autonomia é fundamental para o engajamento de leitores críticos, além de trazer para esses educandos o prazer dos hábitos de leitura.

Assim sendo, desde o início da implementação da biblioteca de classe, até hoje, é notável o contínuo e rápido progresso na apropriação da escrita e leitura. O que se tornou ainda mais perceptível no dia 03/09 quando uma das crianças que já se encontrava na hipótese de escrita alfabética, levou para a sala de aula a fábula A Raposa e a Lebre, e leu em voz alta, na roda de leitura.

As discussões feitas após a leitura possibilitaram que grande parte da turma compartilhasse diversos relatos de experiências pessoais que dialogavam diretamente tanto com o comportamento das personagens quanto com a lição de moral no final da fábula. Isto manifesta a profunda compreensão e desenvolvimento crítico desses sujeitos através dos hábitos de leitura que se deu através da biblioteca de classe pautada na perspectiva construtivista psicogenética defendida por Emília Ferreiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda as discussões é possível notar a necessidade e a relevância dentro do processo de alfabetização, das bibliotecas de classe enquanto um espaço ativo, diversificado e acessível que promova a autonomia na exploração e apropriação dos hábitos de escrita e leitura, reforçando as ideias de Emília Ferreiro de que a construção do conhecimento ocorre por meio das práticas sociais e culturais, e que a inserção das crianças nas culturas do escrito deve ser feita de forma que elas compreendam a função social da língua, focando na construção ativa do conhecimento por parte do educando.

Dessa forma, professores e bolsistas, dentro desse contexto atuam como mediadoras intencionais, que promovem a reflexão da criança de forma que esta, após construir suas hipóteses acerca da escrita, seja possibilitada e orientada a fazer uma autorreflexão sobre a sua escrita. De forma que as crianças se apropriem da cultura escrita e dos hábitos de leitura de maneira autêntica e significativa, absorvendo o papel social dessas, e aprofundando o pensamento crítico a partir do processo em que a criança desenvolve os comportamentos leitores e de hábito da escrita.

AGRADECIMENTOS





Agradecemos ao PIBID pela oportunidade de poder participar desse programa e aprender cada dia mais a amar a docência e vivenciá-la de forma ativa durante a nossa formação, assim como todo discípulo possui um mestre, não poderíamos deixar de citar a professora Giovana Cristina Zen que sempre acolhe e ajuda em nossa caminhada durante todo processo e ensina com uma dedicação e carinho que nem as melhores palavras podem expressar, agradecemos à professora Leda Macedo que nos acompanha na escola e sempre se mostra dedicada e benevolente com todos os bolsistas sendo um dos nossos pilares, e a todos os nossos colegas do PIBID Alfabetização, obrigada pelo companheirismo durante cada passo nessa jornada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Estevão; ANDRADE, Olga Valéria Campana dos Anjos; PRADO, Paulo Sérgio T. do. Psicogênese da língua escrita: uma análise necessária. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1416-1439, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053144361>.

BARBATO, Julia Alves de Farias. Biblioteca escolar e biblioteca de sala: qual papel está lhe sendo designado no trabalho didático? Revista Veras, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-15, jul./dez.2022. Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/veras/article/download/88/105>. Acesso em: 5 out. 2025.

Castedo, M (2010). Dar aula com bibliotecas de classe. EN: 30 Olhares para o futuro. Sao Pablo : Centro de Formação Escola da Vila. pp. 197-214. En Memoria Académica. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.739/pm.739.pdf> Acesso em: 14 mai. 2025.





FELIPE, Letícia da Silva; SILVA, Maria do Socorro da. A leitura e escrita no processo de alfabetização. Revista Campo do Saber, [S. l.], v. X, n. X, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/a-leitura-e-escrita-no-processo-de-alfabetizacao.pdf>. Acesso em: 5 out. 2025.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FOCOENSINA. Emília Ferreiro e a Psicogênese da Língua Escrita. [S. l.], [20--?]. Disponível em: <https://www.focoensina.com.br/emilia-ferreiro-e-a-psicogenese-da-lingua-escrita>. Acesso em: 5 out. 2025.

NOVA ESCOLA. Emilia Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a alfabetização. [S. l.], [20--?]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>. Acesso em: 5 out. 2025.

RODA EDUCATIVA. Biblioteca de classe é proposta eficaz na formação leitora. [S. l.], [20--?]. Disponível em: <https://rodaeducativa.org.br/biblioteca-de-classe-e-proposta-eficaz-na-formacao-leitora/>. Acesso em: 5 out. 2025.

ZEN, Giovana Cristina; MOLINARI, María Claudia; NASCIMENTO, Aline Carvalho. As práticas cotidianas de leitura e escrita na escola como um direito da infância. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 16, n. 41, p. 255–277, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i41.7263. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/7263>. Acesso em: 15 jun. 2025.

